

A PEDAGOGIA DO MEDO E A CONSTRUÇÃO DE CORPOS FEMININOS SUBMISSOS: O CASO DAS MENINAS

Célia Sousa Pereira¹

Resumo: Este artigo pauta-se na idéia de que a escola é uma espécie de aparelho ideológico que, através de vigilâncias e sanções toma o medo como um objeto normalizador de comportamentos. Discute questões teórico-práticas que subsidiam a construção da identidade de gênero, tendo o medo como um instrumento eficiente, resultando na desqualificação das meninas. A pesquisa de campo aconteceu em duas escolas de Educação Infantil localizadas em Alagoinhas-Bahia, sendo uma da rede privada e outra pública municipal. Se pensarmos que a mulher está na escola há 184 anos e que suas tarefas consistiam nos cuidados com a casa, o marido e os filhos entenderemos porque a cultura é predominantemente masculina. O homem colonial utilizava-se da força e do castigo para centralizar o poder e a pedagogia do medo chega à escola. Deste modo, as meninas passam por momentos constrangedores e, cheias de medos crescem e, adultas, necessitam, muitas vezes, de orientação para se realizarem como mulheres.

Palavras-chave: Medo, submissão, vigiar, punir, moldar.

INTRODUÇÃO

Um dos motivos que desencadeou a escolha deste tema foi a leitura do livro **Casa-grande & senzala** (2004), de Gilberto Freyre. Tive, através da leitura de suas páginas, a educação indígena como referência: a preocupação com a comunidade e o equilíbrio entre homem-natureza, bem como a paciência com que os adultos lidam com as crianças. Entretanto, Freire informa sobre a cultura dos Zuni, que se utilizavam do medo como um instrumento eficaz na moldagem de comportamentos. Em meio ao desenrolar do texto, descreve uma dança destinada a incutir nos curumins sentimentos de obediência e respeito aos mais velhos, enfatizando o maniqueísmo como um elemento motivador: os considerados maus eram arrebatados para lugares sombrios, enquanto que aos “bons” eram reservados privilégios e benesses. Posteriormente, na Faculdade, percebi que, durante a recuperação das lembranças da alfabetização algumas colegas apresentavam dificuldades em expressar-se por terem passado por momentos dolorosos durante o processo de construção da leitura e da escrita. Deste modo, percebi que a pedagogia do medo ainda é um procedimento bastante utilizado na escola.

¹ Pedagoga (F.SS.S), especialista em Coordenação Pedagógica (F.SS.S), especialista em Gestão Escolar (UNYAHNA), especialista em Uso das Mídias na Educação (UESB) e Mestre em Ciências da Educação (Universidad Interamericana). celia.sousapereira@hotmail.com

Perante a realidade apresentada, através deste estudo analiso a forma como os mecanismos de coerção utilizados pela escola contribuem para a construção da identidade das crianças no Ensino Fundamental, enfatizando a desqualificação das meninas.

A importância deste estudo reside na reflexão sobre a naturalização do processo de ser menina imposto pela sociedade, onde o espaço escolar é um importante palco para os atores sociais perpetuarem o poder do homem sobre a mulher através, muitas vezes, de métodos desumanos e injustos.

METODOLOGIA

Para a ampliação da discussão, considerando a complexidade que envolve o tema, foi realizada uma análise cuidadosa dos dados coletados, haja vista, as manifestações do gênero e suas afirmações na prática pedagógica. Para tal, foram realizadas observações *in loco*, entrevistas e questionários no sentido de entender como as docentes discutem sobre as questões de gênero, o que pensam sobre o tema e como assimilam as ideias relacionadas ao mesmo.

DESENVOLVIMENTO

A escola tem uma função central na legitimação dos significados construídos pelos indivíduos por ser o primeiro espaço social que a criança participa fora do ambiente familiar. A instituição escolar aprisiona e cristaliza as diferenças entre meninas e meninos operando a partir de padrões pré-estabelecidos. Para tal, busca no medo um procedimento para educar e o mesmo acontecia na tribo dos Krahó:

[...] há certos indivíduos que têm o direito de punir os demais em nome de toda a sociedade; [...] num dos momentos do rito do pássaro coã escolhe aqueles que deverão quebrar uma casa de marimbondos. Os coãs só escolhem aqueles homens que são tidos na aldeia por brigões ou que costumam bater nas esposas. [...] Trata-se pois de uma punição ritual aplicada pela sociedade a indivíduos que incidem habitualmente num tipo de comportamento reprovado. (MELATTI 1970, p. 111).

Segundo Foucault (1987) o sucesso do poder disciplinar deve-se ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico e a sanção normalizadora são exemplos e os educadores, acreditando-se imbuídos de saudáveis intenções pedagógicas tornam-se cúmplices na domesticação do corpo da menina – a vigilância e a punição auxiliam na construção de “corpos dóceis”, úteis e submissos. Nesse processo de tentativa de resolver os problemas que permeiam o

contexto escolar, a escola vive um “currículo oculto” (SILVA, 2000) que nega, quase sempre, corpos-sexuados contribuindo, imensamente, para sua domesticação.

O medo é o elemento norteador dessa discussão, pois as meninas, quase sempre, transcorrem seus anos iniciais de vida apresentando sinais de medo de tudo à sua volta e, o mais grave a considerar reside nas conseqüências para a vida da mulher adulta. Deste modo, a vigilância eterna e a constante punição que se exercem sobre as meninas na família sedimentam-se através do rigoroso processo educacional,

A educação brasileira, nas escolas ou nas famílias, tem uma influência muito grande da educação européia da Idade Média² e caracterizada por uma nova organização da sociedade. No século XV estudos referem-se ao sentimento da infância e, com eles a necessidade da formação moral. A partir de um espírito de liberdade de costumes surgem a escola e o colégio como locais adequados para colocar as crianças que, segundo Ariès (1981, p. 107), têm como objetivo “[...] adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos”. Com o nascimento do sentimento da infância, onde a criança era analisada como um ser fraco que necessitava de cuidados para seu desenvolvimento, os colégios introduziram uma disciplina rígida para a garantia dos parâmetros sedimentados e considerados como verdades absolutas:

Para definir esse sistema, distinguiremos suas três características: a vigilância constante, a delação erigida em princípio de governo e em instituição, e a aplicação ampla de castigos morais. [...] o chicote ao critério do mestre e a espionagem mútua em benefício do mestre. (ARIÈS, 1981, p. 117).

A educação escolástica, com o objetivo de distinguir e melhorar humilhava a infância. O início de repugnância a esse modelo escolar teve início na França, em 1763, quando as autoridades decidiram reorganizar o sistema escolar e suprimir, de acordo com Ariès (1981, p. 119), “[...] tanto os castigos corporais como os princípios medievais de emulação adotados pelos odiados jesuítas”.

Sobre a maneira de educar da sociedade medieval, Cambi (*in* LOPES; FILHO; VEIGA, 2000, p. 178) enfatiza:

Educação – como sempre ocorre nas sociedades tradicionais – ocorre através de severos controles, mas também através de dispositivos de escape (por assim dizer), que se

² A Idade Média desenvolve-se entre 476 – ano do fim do Império romano do Ocidente – e 1492, ano da descoberta da América, ou entre duas datas simbólicas muito próximas dessas. (CAMBI, 2000, p. 155).

mostram ativos tanto no caso da criança (exaltada pela inocência) e da mulher (com a idealização) como no caso da juventude (pela vagabundagem).

Os portugueses trouxeram para o Brasil essa herança cultural e transformam os engenhos em pequenos feudos: “A centralização do poder, o uso da força e do castigo, a escravidão, a distinção de classes, a inferioridade do povo permaneciam como ingredientes culturais fortes. Os senhores subvertiam a ordem, fazendo [...] o novo eixo social”. (PAIVA *In* LOPES; FILHO; VEIGA, 2000, p. 56) – essa cultura hierárquica foi implementada nas escolas brasileiras, e, com ela, os castigos físicos. O hábito das ameaças e castigos físicos em sala de aula é prejudicial porque motiva uma idêntica forma de agir no indivíduo. Assim, a criança, desde cedo, assimila a idéia de que o mundo é uma ameaça e deve ser submissa a tudo e a todos.

As ameaças e castigos físicos fazem parte do longo caminho da construção cultural da inferioridade feminina e a conseqüente desvalorização do corpo da mulher: “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”. (FOUCAULT, 2004, p. 119). O filósofo ainda considera que o sucesso da disciplina deve-se ao uso do olhar hierárquico, da sanção normalizadora e sua combinação com o exame quantitativo – a nota como um passaporte para a série seguinte é um instrumento poderoso para a propagação do medo.

Historicamente, o olhar disciplinador do educador no espaço escolar mantém meninas e meninos separados e mais: cuidam das vestes das meninas que não podem entrar na escola vestindo saias para não atrair a atenção dos olhares dos meninos – através do comportamento da menina é constantemente renovada a simbologia mitológica que envolve a maçã e a serpente.

O olhar educador observa quem conversa e em torno do que gira a conversa, e, principalmente, pune com o brilho do olhar calculadamente reprovador. Assim, a sanção normalizadora perpassa por processos sutis como trocar a menina de lugar para não conversar. Estas sanções podem ser acompanhadas de humilhações, como chamar a atenção na frente de toda a classe, duvidar de sua integridade moral, privar-lhe do recreio, ou, ainda, pedir ajuda aos pais para disciplinar o comportamento da aluna que foge à regra geral de comportamento na escola.

O medo foi rigorosamente utilizado como instrumento disciplinador na educação, seja através de castigos físicos ou ameaças de caráter religioso. É fato que o medo é uma sensação importante que auxilia as pessoas na preservação da vida. Mas, segundo Oliveira (2004, p. 170),

[...] como o medo surge em situações em que o indivíduo está relativamente dominado, a idéia do medo supõe incompetência. Quanto maior for esta, maiores as probabilidades e a severidade do medo. [...] tal como ocorre com a cólera, a expressão manifesta de medo se torna menor com a idade. [...] isso pode obrigar o indivíduo a evitar situações que provoquem medo e, assim, privá-lo de oportunidades para aprender a lidar com o problema.

O uso do medo na educação das meninas contribuiu, sobremaneira, na construção da submissão das mulheres. E, tudo que se afasta à regra ditada pela escola, a exemplo da exigência da posição e comportamento do corpo dos educandos nos locais, é considerado como indisciplina:

A sensação de medo induz a uma certa prudência e cuidado, que impede comportamento inadequado, e pode conduzir a comportamento positivo, exigindo, por exemplo, um certo grau de preparação. [...] o medo é inimigo da saúde mental e física. Destrói a coragem e a autoconfiança, e corrói o moral. Enfraquece e suprime a ação intencional, deforma a perspectiva e inibe o pensamento claro. Diminui a possibilidade de êxito e é, freqüentemente, a causa da mediocridade e do fracasso. (OLIVEIRA, 2004, p. 172).

Os educadores, quase sempre, vêem o espaço escolar como um local de adestramento de corpos, e, para alcançar esse objetivo analisa, diferencia, separa e castiga, como afirma Foucault (2004, p. 143): “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. Os exagerados castigos e ameaças disciplinares têm uma função corretiva cuja finalidade é reduzir os desvios. Ou seja,

[...] a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. (FOUCAULT, 2004, p. 152),

Nessa perspectiva, o poder disciplinador consiste na combinação das técnicas de hierarquia que vigiam e as de sanção que normalizam. Assim compreendido, a escola finda por transformar-se em um aparelho mensurador de comportamentos que têm como finalidade punir os que conseguem se diferenciar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o processo da pesquisa de campo pude observar que, no recreio apenas um pequeno grupo de meninas e meninos se une para conversar ou brincar. A maioria dos meninos prefere alguma brincadeira que apresente gestos bruscos ou jogar bola, enquanto que a maioria das meninas prefere ficar sentada, e em grupos, conversando. No decorrer da entrevista uma professora colaboradora da escola pública afirmou que o mecanismo mais utilizado pelas suas educadoras na infância para disciplinar o comportamento da classe era o medo: ameaçavam contar ao pai o mau comportamento da aluna – os irmãos também costumam ameaçar: “Vou contar ao meu pai quando chegar em casa” – este comportamento não é freqüente nas meninas. Esta atitude demonstra que reconhecem a família como um núcleo social patriarcal: o pai localizado no topo da hierarquia familiar e é seu papel castigar os erros dos filhos.

As meninas entrevistadas (13) quer da escola pública, quer da escola privada, demonstraram ter medo dos castigos e das ameaças de suspensão e expulsão da escola. No âmbito familiar afirmaram ter medo de apanhar, ficar de joelhos e presas em casa. Ressalto que apenas uma menina, aluna da escola pública, respondeu que não tem medo de ser castigada pela mãe ou pelo pai.

Oliveira (2004, p.173) chama a atenção para o fato de que “[...] a sala de aula deve ser um lugar em que a criança se sinta segura, de forma que possa usar suas energias para aprender sem medo de prejudicar sua atenção”. E complementa chamando a atenção para o fato de que, muitas vezes, os adultos utilizam o medo das crianças como uma forma de assegurar o seu bom comportamento. Em se tratando de meninas o medo é muito utilizado para domesticá-la, nortear sua forma de viver e ver o mundo, causando-lhe um contínuo processo de submissão e aceitação do mundo sexista e patriarcal.

As meninas da escola privada afirmaram ter medo das avaliações, de ficar sem brincar no recreio e de ir para o provão face à preocupação da repressão em casa: medo de ficar trancada no quarto sem assistir às novelas e das reclamações constantes da mãe.

Podemos observar que o medo das avaliações é uma constante nas duas escolas e, de modo igual, os castigos e ameaças de suspensão. Na escola pública surge o medo da reprovação porque a turma é formada por um grupo de repetentes, enquanto que o outro está frequentando a sala de aula pela primeira vez. E os medos expressos me fazem pensar que a ameaça é real na sala-de-aula. E, sobre o uso da imposição da vontade do adulto, seja no contexto familiar ou no escolar, Cunha (2002, p. 97) enfatiza:

Ocorre que se os limites forem apresentados como frutos da vontade inquestionável dos mais velhos, podem levar ao reforço da heteronomia e do respeito unilateral [...] fica obscurecida a percepção de que as regras são convenções e que podem, assim, ser mudadas dependendo da vontade coletiva.

Observei, no decorrer do estudo, que a escola se apropria de mecanismos coercitivos para controlar os limites entre sexualidade e gênero, perpetuando, assim, os mitos associados ao tema. Logo, utiliza-se de esquemas de limitação de movimentos nas meninas e emoção nos meninos, exercitando a obediência na menina e vigiando seus movimentos. E isto acompanhado de expressões bastantes conhecidas: “Uma boa menina não fala assim”, “Uma boa aluna não age dessa forma”, “Mocinha comportada não senta assim”. Caso seja necessário corrige o “mau-comportamento”, privando-a de participar da hora do recreio, ou, ainda, impondo-lhe o silêncio: “Uma boa menina não responde à professora”. No caso de resistência, dá-se a ameaça com o encaminhamento à direção ou a convocação da família para auxiliar na condução do comportamento da filha na escola. A família, por sua vez, sente-se na obrigação de cercear o comportamento da menina perante a ameaça da escola de não mais recebê-la. Quanto aos meninos, quando as peraltices estão em excesso os castigos e punições são, na maioria das vezes, esquecidos no decorrer da aula. Este comportamento é justificado pelos cuidados que se deve ter com as meninas, criaturas frágeis, dóceis e passivas, conforme construção alardeada.

A menina considerada rebelde pela família é a que se rebela contra determinadas situações, sobretudo na relação com seu irmão que, quase sempre, sai em vantagem “por ser um menino”. Essa rebeldia lhe custa caro, pois os castigos aumentam a cada manifestação de insatisfação e percepção de injustiça. Na escola privada as meninas afirmaram ter mais medo das avaliações que dos castigos e, talvez essa visão as leve a serem classificadas como mais agressivas e desobedientes. Na escola pública os castigos são mais severos com as meninas e seus pais também as castigam com mais severidade do que na escola privada.

As alunas da escola pública mostraram-se, conforme os dados produzidos, mais obedientes o que me leva a refletir sobre o que essas meninas pensam acerca dos castigos. Assim, na escola onde as meninas são mais castigadas elas se mostram mais obedientes, mas, contraditoriamente se classificam como mais corajosas. À proporção que uma criança cresce aumenta sua capacidade de auto-conhecimento e conhecimento do meio exterior e, com isto, aguça a capacidade de sentir medo e prever o perigo – as meninas mostram-se, em sua fragilidade

infantil, corretas quando se mostram obedientes para que sejam diminuídos ou cessam os castigos.

A sensação de medo induz a uma certa prudência e cuidado, o que impede, na maioria das vezes, um comportamento que pode conduzir a um comportamento desejado. Esta astúcia exige um grau de preparação, ou seja, um certo aparato pedagógico. Quando a menina consegue entender que a obediência diminui o castigo utiliza-se de estratégias pedagógicas para lidar com o medo e, por conseguinte, sai na vantagem, embora isto lhe custe, às vezes, um certo sofrimento proveniente da anulação e subserviência – a menina utiliza, astutamente, a pedagogia do medo apreciada pela família e pela escola para tirar vantagem da situação. Mas, lamentavelmente, nem todas conseguem perceber essa possibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo é uma sensação sempre presente na vida das meninas: a ameaça de não ter o corpo perfeito, o medo de falhar na escola, entre tantos outros. Como mensurar o equilíbrio emocional das meninas? A família e a escola, quase sempre, falham na tarefa de proteger e dar tranquilidade às meninas: não oferecem espaço físico, ou psicológico, para que se percebam a salvo dos problemas causados pela pedagogia do medo.

A questão do medo, associado à discussão de gênero, deve ser analisada como uma discussão central para o debate educacional. Seja na escola, na formulação de políticas públicas, na pesquisa acadêmica. É um tema que, atualmente, me parece crucial e o é porque tem um reflexo social muito grande. Um deles é o fracasso profissional da menina que, por ter sua espontaneidade e agressividade vigiada ocasiona, muitas vezes, a internalização da incompetência para assumir certos cargos, principalmente na política. Outro aspecto relevante é que, sem a discussão esse quadro continua se reproduzindo através das próprias meninas, futuras mães e, muitas vezes, educadoras.

Para que a pedagogia do medo seja minimizada, gradativamente, é necessário que o tema seja discutido nos espaços acadêmicos, nos cursos de formação de professores, pois, acredito que, a partir da formação intelectual dá-se a possibilidade da realização de reflexões aprofundadas sobre essa inquietação. E esse aprofundamento deve espalhar-se pelas famílias, principais colaboradores da escola nesse processo educativo.

O papel do educador nas séries iniciais do Ensino Fundamental (Educação Infantil) é de extrema importância. Isto porque, o educador deve entender que escutar a si e ao outro é uma condição fundamental para o reconhecimento e estabelecimento das relações e, nessa dialética, o educador deve rejeitar o medo como balizador de condutas. Porque, para escutar numa relação solidária é preciso assumir a própria identidade, trabalhar os próprios medos e assumi-los, relacionando-os, generosamente, às diferenças para que sejam configuradas, saudavelmente, as coletividades humanas.

Portanto, é certo que, mesmo com os avanços contemporâneos a mulher ainda continua em sua luta desigual. Mas, também é certo que a escola pode contribuir para posteriores transformações na situação vigente, ajudando alunas e alunos a descobrirem suas particularidades respeitando-se mutuamente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC. 1981.

CUNHA, Marcos Vinicius da. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49 ed. Ver. São Paulo: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GALLAGHER, Winifred. **Identidade: a genética e a cultura na formação da personalidade**. São Paulo: Ática, 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. FILHO, Luciano Mendes de Faria. VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Coordenada, 1970.

OLIVEIRA, Rui de. **Domine a sua agressividade interior e liberte o seu gênio para o sucesso: orientação neuropsicossocial para aprimorar o comportamento instintivo-emocional humano**. Catanduva/SP: Respel, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.